



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**LUCICLEIDE ALVES DA SILVA**

**LITERATURA INFANTIL  
(RE)SIGNIFICANDO O ESPAÇO ESCOLAR**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**

**LUCICLEIDE ALVES DA SILVA**

**LITERATURA INFANTIL  
(RE)SIGNIFICANDO O ESPAÇO ESCOLAR**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**



55861 Silva, Lucicleide Alves da.  
Literatura infantil (re) significando o espaço escolar /  
Lucicleide Alves da Silva. - Cajazeiras, 2009.  
42f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2009.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Literatura infantil. 2. Prática docente. 3.  
Literatura infantil-contexto histórico. I. Lima, Maria  
Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III.  
Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 82-93

LUCICLEIDE ALVES DA SILVA

LITERATURA INFANTIL: (RE) SIGNIFICANDO O ESPAÇO ESCOLAR.

MONOGRAFIA APROVADA EM \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Profª. Ms. Maria Janete de Lima  
(Orientadora)

CAJAZEIRAS – PB

2009

A Deus

Motivo maior da nossa coragem;

Aos professores do Curso da Graduação que me incentivaram

Aos colegas de curso,

Parceiros dos medos e coragem da educação

Aos professores e alunos do Centro Educacional Maciel Batista Pereira – Cajazeiras – PB,  
pela colaboração incondicional na condução desta pesquisa:

## RESUMO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa qualitativa registrada através de uma monografia. A pesquisa surgiu efetivamente para atender a um dos maiores desafios, posto a nós educadores, evitar que a prática de sala de aula se reduza a um somatório de exercícios isolados e repetitivos. Objetivando ressignificar o processo de ensino aprendizagem em sala é que buscamos através desta pesquisa analisar em que medida a Literatura Infantil, pode contribuir para a ressignificação das práticas docentes. Intencionamos também envolver os alunos na escolha de temas, desencadeando técnicas participativas com vistas a promover uma aprendizagem significativa. Por fim, discutir um novo desenho para a escola com vistas a melhoria da qualidade do ensino. O trabalho tem como tema, "Literatura Infantil: (RE) significando o espaço escolar". Aplicamos em sala de aula um estágio, visando desenvolver habilidades e competências dos discentes a partir de situações propostas pela prática. Almejamos que este trabalho seja um referencial e que se torne um subsídio para que novas práticas possam ser estabelecidas na perspectivas de tornar o ensino um processo democrático e, sobretudo transformar.

**PALAVRAS – CHAVE:** Literatura Infantil; ressignificação; práticas docentes.

## SUMÁRIO

Introdução .....	6
1. Capítulo I	
1.1 Literatura Infantil: O que é? .....	8
1.2 Literatura Infantil: Contexto Histórico .....	11
1.3 Literatura no Brasil .....	13
1.4 Literatura na Escola .....	16
2. Capítulo II	
2.1 Metodologia .....	28
2.2 Caracterização da Escola Colaboradora .....	29
2.3 Resultado e Análise da Pesquisa .....	30
2.4 A experiência Desenvolvida .....	34
3. Conclusão .....	40
4. Referências .....	42
5. Anexos .....	43

## Introdução

O presente trabalho resulta de uma pesquisa qualitativa que será registrada através da presente monografia, que é uma exigência para a conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. A pesquisa surgiu efetivamente para atender a um dos maiores desafios, posto a nós educadores: evitar que a prática de sala de aula se reduza a um somatório de exercícios isolados e repetitivos. O trabalho foi desenvolvido no Centro Educacional Maciel Batista Pereira, na cidade de Cajazeiras, na turma de 2ª ano.

Objetivando ressignificar o processo de ensino aprendizagem em sala é que buscamos através desta pesquisa analisar em que medida a Literatura Infantil pode contribuir para ressignificar práticas docentes. Intencionamos também, envolver os alunos na escolha de temas, desencadeando técnicas participativas com vistas a promover uma aprendizagem significativa, bem como desenvolver habilidades e competências dos docentes e discentes a partir de situações oriundas da prática, onde se buscou questioná-las e ampliá-las à luz da teoria e retornar a prática, a fim de intervir na realidade, transformando-a. Por fim, discutir um novo desenho para a escola com vistas a melhoria da qualidade do ensino.

Optamos por desenvolver uma pesquisa de caráter exploratório, numa perspectiva qualitativa, além de registrar dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada. Pesquisaremos e analisaremos várias bibliografias de autores que abordam o tema Literatura Infantil, com vistas a dá um suporte teórico às nossas inquietações e hipóteses. Em seguida, faremos uma pesquisa participante, uma vez que haverá envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas pesquisadas. Assim, o pesquisador passa a ser sujeito ativo do processo agindo de forma efetiva para transformá-la.

Se perguntarmos aos docentes quais os seus objetivos em relação ao ensino, sobre o tipo de aluno que gostaria de ajudar a formar, provavelmente serão unânimes em responder, alunos autônomos, conscientes, reflexivos, participativos, entre outras características similares. Não aparece nesse discurso características tais como passividade, submissão ou alienação. No entanto, se olharmos através das "lentes" do cotidiano escolar, esse discurso não se legitima em uma prática. Os depoimentos de alunos revelam um cotidiano em que os discentes se colocam como sujeitos passivos, sempre a mercê das ordens do professor,

lidando com um conteúdo completamente fragmentado e alienado de sua realidade, em situações artificiais de ensino aprendizagem.

Porém, o contexto social e político vigente, no qual estamos inseridos, nos remete a uma série de exigências. Esta, por sua vez, nos faz ir a busca do conhecimento e para tal, é preciso romper as fronteiras que nos separa do mesmo, é necessário que haja uma superação do conhecimento fragmentado. Essa superação poderá, ocorrer em parte, através da Pedagogia de Projetos, uma vez que trabalhando com projetos, articulamos e interconectamos as diferentes áreas de conhecimentos, abrindo assim, maiores espaços e diálogo entre as disciplinas. Daí, nosso interesse em realizar um estudo sobre o tema Pedagogia de Projetos, porque sabemos que a ação educativa não é algo pronto e acabado, pelo contrário processual e dinâmico.

Diante dessa problematização, lançamos os seguintes questionamentos. O que é preciso fazer realmente, para que a sala de aula seja um espaço repleto de sentidos, voltado para a formação de sujeitos críticos e ativos? O que devemos fazer para acabar com a fragmentação de conteúdos e desenvolver um trabalho interdisciplinar em sala? E o mais desafiador. O que fazer para resgatar o estímulo dos alunos em relação as aulas?

Convictos da complexidade que envolve a questão da educação é que dedicamos esforços em realizar este estudo que buscar descobrir particularidades acerca da temática em debate, como também, redesenhar o espaço escolar com seus tempos, rituais, rotinas e processos, de modo que ele possa efetivamente está voltado para a formação de sujeitos ativos, cidadãos atuantes e participativos, como desejam os profissionais comprometidos com a educação.

Esse trabalho contribuirá no entendimento do problema em questão e ajudará aos professores na sua formação, no que diz respeito a renovação da prática docente. Possibilitará ainda, fortalecer o debate e promover uma socialização dos conhecimentos obtidos na investigação. Os interessados que trabalham nessa área poderão vir a utilizá-lo como fonte de consulta e inspiração, ajudando a construir um espaço escolar de significação e de ensino de qualidade, efetivado por profissionais que tem compromisso com a educação.

## Capítulo I

### 1.1 Literatura Infantil: o que é ?

A designação infantil faz com que esta modalidade literária seja considerada “menor” por alguns, infelizmente.

Principalmente os educadores vivenciam de perto a evolução do maravilhoso ser que é a criança. O contato com textos recheados de encantamento faz-nos perceber quão importante e cheia de responsabilidade é toda forma de literatura.

A palavra literatura é intransitiva e, independente do adjetivo que receba, é arte e deleite. Sendo assim, o termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para criança. Na verdade, a literatura infantil acaba sendo aquela que corresponde, de alguma forma, aos anseios do leitor e que se identifica com ele.

A autêntica literatura infantil não deve ser feita essencialmente com intenção pedagógica, didática ou para incentivar hábito de leitura. Este tipo de texto deve ser produzido pela criança que há em cada um de nós. Assim o poder de cativar esse público tão exigente e importante aparece.

Vulgarmente, a expressão “literatura infantil” sugere de imediato a idéia de belos livros coloridos destinados à distração e ao prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Devido a essa função básica, até bem pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada como criação literária e tratada pela cultura oficial como um gênero menor.

Ligada desde a origem à diversão ou ao aprendizado das crianças, obviamente sua matéria deveria ser adequada à compreensão e ao interesse desse peculiar destinatário. E como a criança era vista como um “adulto em miniatura”, os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou da minimização) de textos escritos para adultos. Expurgadas as dificuldades de linguagem, as digressões ou reflexões que estariam acima da compreensão infantil; retiradas as situações ou os conflitos não-exemplares e realçando principalmente as

Compreende-se, pois, que até bem pouco, em nosso século, a literatura infantil fosse encarada pela crítica como um gênero secundário, e fosse vista pelo adulto como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (nivelada à aprendizagem ou meio para manter a criança entretida e quieta).

O caminho para a redescoberta da literatura infantil, no século XX, foi aberto pela psicologia experimental, que, revelando a inteligência como elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. Revelou, ainda, que cada estágio corresponde a uma certa fase de idade. A sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança ou do meio em que ela vive. A partir desse conhecimento do ser humano, a noção de "criança" muda e nesse sentido torna-se decisivo para a literatura/juvenil adequar-se ou conseguir falar, com autenticidade, aos seus possíveis destinatários.

Portanto, a valorização da literatura infantil, como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis, bem como dentro da vida cultural das sociedades, é conquista recente. Dentro das muitas definições e controvérsias quanto à verdadeira ou possível natureza dessa literatura e sua provável função em nossa época, adotamos a posição de Marc Soriano, na linha semiológica de Roman Jakobson, quando define a linguagem:

A literatura infantil é uma comunicação histórica (localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor-adulto (emissor) e um destinatário-criança (receptor) que, por definição, ao longo do período considerado, não dispõe senão de modo parcial da experiência de real e das estruturas lingüísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta. (SORIANO, 1975).

Embora não abranja a totalidade do fenômeno em causa, essa definição toca em seus elementos essenciais: o livro infantil é entendido como uma "mensagem" (comunicação) entre um autor-adulto (o que possui a experiência do real) e um

leitor-criança (o que deve adquirir tal experiência). Nessa situação, o ato de ler (ou de ouvir), pelo qual se completa o fenômeno literário, se transforma em um ato de aprendizagem. É isso que responde por uma das peculiaridades da literatura infantil. E Soriano concluiu:

Ela pode não querer ensinar, mas se dirige, apesar de tudo, a uma idade que é a da aprendizagem e mais especialmente da aprendizagem lingüística. O livro em questão, por mais simplificado e gratuito que seja, aparece sempre ao jovem leitor como uma mensagem codificada que ele deve decodificar se quiser atingir o prazer (afetivo, estético ou outro) que se deixa entrever e assimilar ao mesmo tempo as informações concernentes ao real que estão contidas na obra. [...] Se a infância é um período de aprendizagem, [...] toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma vocação pedagógica, no sentido amplo do termo, e assim permanece, mesmo no caso em que ela se define como literatura de puro entretenimento, pois a mensagem que ela transmite então é a de que não há mensagem, e que é mais importante o divertir-se do que preencher falhas (de conhecimento). (SORIANO, 1975).

## 1.2 Literatura Infantil: contexto histórico

A literatura infantil tem como parâmetro contos consagrados pelo público mirim de diferentes épocas que, por terem vencido tantos testes de recepção, fornecem aos pósteros referências a respeito da constituição da tônica literária do texto destinado a criança. No século XVII, o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho) coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil.

No século XIX, outra coleta de contos populares é realizado, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel), alargando a antologia dos contos de fadas. Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Christian Andersen (O patinho feio, Os trajes do imperador), o italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carroll (Alice no país das maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz), o escocês James Barrie (Peter Pan) constituem-se em padrões de literatura infantil.

Questões relativas a obra de Charles Perrault, frequentemente apontado como o iniciador da literatura infantil, vinculam-se a pontos básicos da questão da natureza da literatura infantil como, por exemplo, a preocupação com o didático e a relação com o popular.

A coleção dos textos de Perrault constitui-se em um dos textos mais célebres da literatura francesa e, também, um dos textos mais referidos e menos comentados pela crítica literária, quer na sua dimensão de arte, quer como documento. Na verdade, a análise dos contos de Perrault requer um enfoque interdisciplinar, sendo que os problemas que suscita não se restringem à teoria da literatura, à sociologia, à psicanálise ou ao folclore, mas reclamam uma união desses enfoques que relacione os diversos elementos que integram o texto e resolva as inúmeras contradições com que o analista se defronta.

Charles Perrault, coletor de contos populares, realiza seu trabalho após a Fronde, movimento popular contra o governo absolutista no reinado de Luís XIV, cuja repressão deixou marcas de terror na França. Os contos chegam à família Perrault através de contadores que, na época, se integravam à vida doméstica como servos. Considere-se que se trata de um momento histórico de grande tensão entre as classes. O burguês Perrault despreza o povo e as superstições populares e, como homem culto, as ironiza. Seus contos, em alguns momentos, caracterizam-se por um certo sarcasmo em relação ao popular. Ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação de fazer uma arte moralizante através de uma literatura pedagógica.

O trabalho de Perrault é o de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. Além dos propósitos moralizantes, que não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses, observam-se os seguintes aspectos que não poderiam provir do povo: referências à vida na corte, como em *A bela adormecida*.

Segundo Sosa (1978, p.22):

“Não há dissociação entre a literatura oral e a versão culta, os elementos coexistem, processando-se um alargamento do domínio da cultura gráfica, que passa a manter relações de integração com o a popular”.

A vocação pedagógica de Perrault é secundária e confusa. Delineia-se com mais propriedade sua relação com o popular, apesar de esta ser, também, contraditória. Mesmo sem total adesão o que, de fato, não poderia ocorrer, pois a classe a que Perrault pertencia vivia uma inconsciência em relação ao que era realmente popular – ele realizou o que se pode chamar de uma recuperação da cultura popular, procurando reconstituir os procedimentos narrativos da maneira mais fiel possível.

Talvez nesse momento tenha sido inaugurada a confusão que fortaleceu os laços entre literatura popular e literatura infantil e que tem por base a aproximação de duas ignorâncias: a do povo, devido à condição social, e a da infância, devido à idade. Essa aproximação terá uma solução de continuidade, podendo ser encontrada na origem da coleta dos Grimm, permanecendo algumas seqüelas até nossos dias. Por outro lado, é esse fator que tem permitido atribuir-se a Perrault a iniciação da literatura infantil.

Na conversão da literatura popular em infantil, Perrault revela o modelo educativo imposto a ele e a sua época. O conto Griselda, por exemplo, apresenta faltas, censuras, conceito de pudor e feminilidade que caracterizam a mentalidade da época.

### **1.3 Literatura no Brasil**

No Brasil só se pode falar em uma literatura especificamente infantil por volta do final do século XIX e início do século XX; muito embora desde a implantação da Imprensa Régia, em 1808, tenham surgido as primeiras publicações destinadas às crianças. Porém, é somente nos fins do Séc. XIX que surgem os primeiros “Livros de Leitura” escritos por educadores brasileiros, compostos por traduções e adaptações

da Literatura europeia a fim de serem disseminados nas escolas.

Zilberman (1987, p.81) destaca:

A Literatura Infantil brasileira surge no período de transição entre a Monarquia e a República, com a ascensão da burguesia, cujos primeiros textos dirigidos ao leitor-criança apresentam intencionalidades pedagógicas e funcionalidades sociais. As primeiras produções nacionais desenvolvem-se em torno de temáticas pertinentes a exemplaridade cristã, ao moralismo patriótico-cívico e ao didatismo escolar.

No entre-séculos destacam-se, na Literatura Infantil brasileira, conteúdos associados às ideologias e às utopias criadas em torno da civilização e modernização da realidade nacional; servindo como instrumento de legitimação aos interesses da elite burguesa e cultural.

O conjunto das obras dos pioneiros do livro infantil revela a qualidade da formação educacional recebida pelos brasileiros no final do século XIX: uma educação orientada para consolidação dos valores do sistema herdado que reúne uma mescla de feudalismo, aristocratismo, escravagismo, liberalismo e positivismo, destacando-se valores ideológicos de aparelhamento Estatal, dentre os quais (COELHO, 2000, p.12).

- Nacionalismo: ênfase à língua portuguesa falada no Brasil; preocupação em entusiasmar os novos espíritos à dedicação para a pátria; o culto às origens e o amor pela terra, com maior destaque para a idealização da vida no campo em oposição à vida urbana;
- Intelectualismo: valorização do estudo e do livro, como meios de ascensão e realização social, inclusive econômica;
- Tradicionalismo cultural: valorização dos grandes autores e das grandes obras do passado como modelos culturais a serem assimilados e imitados;
- Moralismo e religiosidade: exigência absoluta de retidão de caráter, honestidade, solidariedade, fraternidade, pureza do corpo e da alma, dentro dos preceitos cristãos.

Desde os primórdios, a literatura infantil vem sendo tratada culturalmente como gênero literário menor, reduzido a idéia de belos livros coloridos destinados à aprendizagem puramente sistemática ou até considerados meios para manter a criança entretida, o objetivo aqui, seria doutrinar o jovem leitor nivelando-o aos valores vigentes no contexto social.

As primeiras obras infantis, carregadas pela intenção de transmitir determinados valores ou padrões comportamentais a serem incorporados e respeitados pelos indivíduos, tratavam-se de adaptações de textos escritos para adultos, reforçando, assim, a idéia de que a criança era um adulto em miniatura.

No final dos anos setenta, em meio aos inúmeros debates em torno da leitura destinada às crianças, a literatura infantil começou a ser pensada como agente de formação das mentes infantis e juvenis, de modo a contribuir tanto para o desenvolvimento de suas potencialidades naturais, quanto ao seu amadurecimento na transição da infância para a fase adulta.

Diante das muitas definições e controvérsias que margeiam a natureza e função dessa literatura, a problemática do contexto atual ainda se enviesa na dúvida referente ao modo como o texto infantil deva ser encarado: como pretexto de uma prática pedagógica ou como arte literária?

Compreende-se, pois que essa dialética tem provocado equívocos no que diz respeito à produção de obras literárias mais adequadas para a infância, uma vez que sua maioria revela a predominância ora de livros fragmentados sem sentido, ora daqueles que mesmo carregados de informações corretas desproõem de fantasia e imaginação.

(...) Como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte. Sobre outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia (COELHO, 2000, p.46).

Partindo especificamente da literatura como arte, que tem por objetivo primordial humanizar seus leitores e construir uma nova consciência de mundo, crítica e sem a imposição de valores de cunho moral e ideológico, a literatura infantil utilizando textos de valor artístico, proporciona a cada leitura, por meio da fusão do imaginário e do real, dos ideais e sua possível e impossível realização, um rico e poderoso instrumento do despertar do senso crítico, e em consequência disso distancia-se de sua origem fortemente comprometida com a pedagogia.

É justamente por explorar o que ainda não é, mais poderia vir a ser, usando a linguagem de modo a impressionar o ouvido e a imaginação do leitor, que a literatura garante o prazer da leitura e um conhecimento não só do mundo – que pertence às ciências – mas dos modos como o homem pode agir em relação ao mundo e aos outros homens.

#### **1.4 Literatura na Escola**

Focalizando o ato da leitura no âmbito escolar, é de suma importância que o contato da criança com o livro seja estabelecido desde os primeiros momentos escolares, uma vez reconhecido o efeito enriquecedor que desencadeia. Assim, ao professor caberia proporcionar aos seus alunos, situações de leitura que objetivassem em menor grau as atividades de análise, fichas de leitura ou qualquer outra forma de controle, dando ênfase às atividades livres de enriquecimento cultural.

Assim como explica Cunha (1995, p.47)

(...) a leitura é uma forma altamente ativa de lazer. Em vez de propiciar, sobretudo repouso e alienação (daí, a massificação), como ocorre com formas passivas de lazer, a leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do receptor – leitor. Seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer – aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo. A literatura teria papel relevante nesse aspecto.

No entanto, o professor deve ter o cuidado de não abrir mão totalmente de um acompanhamento sistemático, pois o leitor pode ser afetado positiva ou negativamente pelo livro, isso dependerá principalmente de sua maturidade leitora. Desse modo, é importante que ao lado de atividades livres, os mestres se preocupem em transformar a habilidade leitora em aprendizagem significativa, criando situações e métodos que possibilitem identificar os diversos problemas individuais de compreensão de textos, no intuito de desenvolver no aluno práticas de leitura que propiciem o hábito de reflexão e crítica sobre a realidade que a obra lhe oferece e a interpretação dessa realidade imprimida pelo autor, o que significa dizer que, o leitor deve, de acordo com estágio de desenvolvimento em que se encontra, ser capaz de ter uma visão dos prós e contras da produção que consome. Haverá, então, nos educandos a sensação do amadurecimento, da consciência viva a partir da concepção da leitura e da percepção das multifaces desse processo.

Na escola, mesmo a literatura de reconhecido valor artístico perde seu poder de encantamento e de transporte a vivências imaginárias alternativas, quando empregada como veiculadora de normas de obediência e bom comportamento ou pretexto para aprender gramática, redigir melhor, para revisar a História, a Sociologia e a Pedagogia. Assim, tornando-se matéria para adornar outras ciências, o texto literário se descaracteriza e afasta de si o leitor.

O educador, em consequência também de uma formação universitária lacunar no que se refere à visão da verdadeira função da literatura na educação, apóia as justificativas de sua desmotivação para “criar tempo” destinados à inserção do trabalho com a literatura, no excesso de aulas semanais e atividades pedagógicas, bem como nas dificuldades que esbarram no acesso ao acervo literário. Diante disso e como sugere Cunha (1995, p.18):

Pensamos caber à Universidade, através das Faculdades de Letras, de Educação e de Biblioteconomia, e aos Cursos de Preparação para o Magistério de 1º Grau (séries iniciais) a tarefa de dar a seus estudantes – os futuros educadores – a possibilidade de indagar, pesquisar, criar, recriar, de maneira que a literatura venha a ter uma função atual, verdadeiramente recreativa e estética – e por isso social e renovadora –, entre as atividades da criança e do adolescente. Isso ocorrerá com facilidade quando a literatura for um valor para o próprio estudante.

Ao condicionamento interior à escola soma-se, para agravar a situação, o desprestígio que a literatura sofre junto às camadas populares. São muitas e diferentes as razões que têm como consequência o crescente desinteresse ou uma prematura privação de contato com as letras e com os mundos fantásticos que elas podem conter, mantendo o imaginário infantil e juvenil preso às superstições do meio ou às idolatrias induzidas habilmente pelos meios de comunicação de massas, de pouco ou nenhum efeito emancipatório. Daí pode-se dizer que o poder de sedução da literatura, que poderia contribuir para a formação do leitor geral, esvaziase pelas distorções escolares e decreta um futuro de não leitores.

É notável também que a desmotivação da maioria dos estudantes pela leitura literária está ligada à ausência desta no contexto familiar e nos mais variados grupos sociais, pois se os pais e os amigos não lêem, não há porque a criança ou o adolescente valorizar a leitura. E por mais que a escola empregue meios persuasivos ou impositivos para modificar a indiferença quanto aos livros ou ao saber e à arte, aprende-se mais com exemplos próximos do que por intermédio de sermões. Pela carência ou inércia do ambiente familiar quanto à leitura, declinam o número de leitores de geração a geração. Segundo Cunha, “a atitude prosaica e desencantadora do adulto é que vai aos poucos minando a ligação entre criança e o livro” (1995, p.50).

São esses fatos que tornam problemático o retrato relativo ao hábito da leitura brasileira, situação que melhorará quando a postura do adulto em relação ao livro e sua função educacional for modificada, como consequência de um melhor conhecimento do fenômeno literário e do leitor infantil. Dessa forma, revela-se indispensável e essencial um redimensionamento de tais relações, de modo a convertê-las ocasionalmente no ponto de partida para um diálogo atraente e significativo entre o livro e seu jovem leitor, significa dizer que:

O fato de a Literatura Infantil não ser subsidiária da escola e do ensino não quer dizer que, como medida de precaução ela deva ser afastada da sala de aula. Sendo agente de conhecimento porque propicia questionamento dos valores em circulação na sociedade, seu emprego em aula ou em qualquer outro cenário desencadeia o

alargamento dos horizontes cognitivos do leitor, o que justifica e demanda seu consumo escolar (ZILBERMAN, 1987, p.10).

Nesse espaço teórico, é reconhecida a interferência dessa dialética na formação da criança tanto com sua relação consigo quanto no convívio social. Desse modo, para que a escola cumpra com a finalidade do saber, faz-se necessário que ela apresente obras que ensinem modos novos de ver o mundo atual, acompanhadas de emoção, prazer, capazes de aguçar a imaginação do seu jovem leitor.

Bruno Bettelheim em *A psicanálise dos contos de fadas* (1980, p.49) fala sobre essa relação:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entrete-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro.

Diante do que foi exposto, a proposta veiculadora não concerne em estabelecer se a formação de um bom leitor está à cargo da Pedagogia ou seria essa uma competência específica da Literatura, nem tão pouco valorizar somente a aproximação entre elas, mas principalmente em refletir sobre a necessidade de se reconhecer que, ao unir a responsabilidade pela concretização e expansão do domínio e deciframento dos códigos, à compreensão e levantamento de temas neles aflorados por intermédio do trabalho com a arte literária, o espaço escolar vai além de suas limitações para propiciar ao educando o desenvolvimento da capacidade de compreender o mundo e aprender a pensar por si mesmo, fator este que contribui para sua gradativa emancipação social. “Além disto, enquanto instituições, a escola e a literatura podem provar sua utilidade quando se tornarem o espaço para crianças refletir sobre sua condição pessoal” como ressalta Zilberman (1993, p.21).

Destaca-se que atualmente parece que nossa sociedade vem se esquecendo das crianças e de sua ludicidade, pois o que mais encontra-se nas escolas para crianças são professores querendo alfabetizá-las desde os primórdios da Educação Infantil. Vários estudos mostram a importância de se desenvolver a criatividade e ludicidade da criança através da leitura. Mas as escolas não conseguem realizar um planejamento escolar que não seja apenas pedagógico. Assim, as crianças estão cada dia sendo mais vítimas das falhas dos adultos que estão arrancando a sua liberdade de brincar, imaginar, fantasiar, entre outros. A escola na sua função alfabetizadora está valorizando somente "a escrita", de tal maneira que menospreza a função lúdica da Literatura Infantil que é tão importante para a formação de seres pensantes, pois a leitura estimula a imaginação.

Zilberman (1993, p.32) mostra:

"Que em muitas escolas o processo de alfabetização ainda é feito de forma mecânica e estática, fazendo com que a criança se afaste dos livros, seja por ter sido alfabetizada de maneira inadequada, seja por desejar esquecer experiências didáticas desprazerosas".

Diante desse contexto, a literatura poderá ser um instrumento poderosíssimo para a formação psicológica dos educandos, pois ela forma porque ensina. É sabido que países civilizados sempre basearam suas instruções nas letras. Desse modo, acredita-se que a literatura vai além das obras e pode ser definida como algo que exprime o homem, então, atribuir a literatura uma função psicológica é perfeitamente aceitável, pois independente da idade ou da condição social, a fruição da literatura baseia-se na necessidade de fantasia que o ser humano possui. Segundo Candido: (1972. p,20):

A fantasia, na maioria das vezes, está relacionada a uma realidade e, como base nesse vínculo fantasia e realidade, é possível pensar em literatura com determinada função na formação do homem, embora esta não tenha que cumprir tal papel. Assim, pode-se dizer que a personalidade de qualquer ser humano, sobretudo a da criança, pode sofrer forte influência da literatura, uma vez que esta atua de forma que não se pode avaliar.

Segundo Zilberman (1987, p.12) “o ler relaciona-se ao desenvolvimento lingüístico da criança, com a formação da compreensão do fictício, com função específica da fantasia infantil, com credulidade na história e a aquisição do saber”.

Nesse sentido a literatura infantil oferece a parte contrária ao caráter pedagógico, compreensível a partir do exame da perspectiva da criança e do significado que o gênero pode ter para ela. Sua atuação dá-se dentro da faixa de conhecimento, porque pode conceder ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais, o saber adquirido dá-se por meio do domínio da realidade empírica, isto é, aumenta a dimensão de compreensão, aquisição de linguagem produtos recepção histórica pela audição ou leitura e da decodificação da mesma.

No processo inicial da leitura, ocorre o que se chama de decodificação, ou seja, a inteligência opera com a discriminação visual dos símbolos impressos e a associação entre a palavra impressa e o som. A visão, o tato, a audição, o olfato e o paladar também estão envolvidos nesse processo como referenciais elementares na aquisição dos símbolos gráficos, já essa “leitura sensorial” começa muito cedo em nossa vida.

É importante também destacar a “leitura emocional” que os sentimentos, as emoções mostram até inconscientemente. Bettelheim (2002, p.185), relata que a leitura de uma estória para a criança deverá ser realizada com todo um envolvimento emocional na estória e na criança, com empatia pelo que a estória pode significar à ela. Abramovich (1993, p.14) reforça esse argumento relatando que:

Ler histórias para crianças sempre é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever de um ator, e então, pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de desenvolvimento. É também suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões.

As estórias que encantam as crianças são certamente encantadoras também para os adultos que se permitem e deixam levar pela leitura. Podem ser estórias engraçadas, profundas, sentimentais ou simplesmente belas; podem ser curtas ou extensas, com muitas ou poucas ilustrações, mas devem sem sombra de dúvida provocar emoções.

As estórias existem para serem contadas e não traduzidas ou interpretadas, menos ainda para serem questionadas como tarefa escolar neste momento em que se busca despertar o prazer pela leitura. Assim, é preciso, resgatar urgentemente em nossas escolas, principalmente nas de Ensino Fundamental e de Educação Infantil a prática de leitura por prazer, sem cobrança de entendimento dos textos por meio de provas cansativas e acadêmicas. Toda a escola deveria, pelo menos uma vez por semana, propiciar às crianças o manuseio de livros em sala de aula para desenvolver o gosto pela leitura em seus aspectos sensoriais, emocionais e intelectuais, de uma forma racional e dinâmica.

A criança aprende a ler lendo, e não passivamente, copiando inúmeras vezes uma palavra ou frase, e muito menos por meio de cópias longas e exaustivas. Vejamos o que diz Zilberman (1987, p.12) "o ler relaciona-se ao desenvolvimento lingüístico da criança, com a formação da compreensão do fictício, com função específica da fantasia infantil, com credulidade na história e a aquisição do saber". Nesse sentido a literatura infantil oferece a parte contrária ao caráter pedagógico, compreensível a partir do exame da perspectiva da criança e do significado que o gênero pode ter para ela. Sua atuação dá-se dentro da faixa de conhecimento, porque pode conceder ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais, o saber adquirido dá-se por meio do domínio da realidade empírica, isto é, aumenta a dimensão de compreensão, aquisição de linguagem produtos recepção histórica pela audição ou leitura e da decodificação da mesma.

Destaca-se que não há como saber em que idade um conto específico será mais importante para uma criança específica, não podemos decidir qual dos vários contos ela deveria escutar num dado período ou por quê. Isto só a criança pode determinar e revelar pela força com que reage emocionalmente àquilo que um conto evoca na sua mente consciente e inconsciente. Naturalmente, um pai começará a

contar ou ler para seu filho as estórias que ele ouvia quando criança. Se a criança não interessar pela estória é sinal que não é significativa para ela, isto é, os temas apresentados não despertaram significância para sua vida. Daí, é melhor partir para outra estória, e assim irá verificando o que mais chama a atenção da criança através de seu entusiasmo ao ouvir aquela estória, certamente ela irá pedir que conte a estória repetidas vezes. Assim é necessário que ao contar uma estória para a criança é necessário sempre seguir a orientação da mesma. Bettelheim (1980, p.26)) explica:

“mesmo que o pai saiba a razão que levou o filho a ficar envolvido emocionalmente pela estória, é conveniente que não demonstre pois é sempre invasor interpretar os pensamentos inconscientes de uma pessoa, tornar consciente o que ela deseja manter pré-consciente, e isto é especialmente verdade no caso da criança... Se o pai indica que já os conhece-a, criança fica impedida de fazer o presente mais precioso a seu pai, o de compartilhar com ele o que até então era secreto e privado para ela”.

Desse modo, explicando para a criança porque o conto de fada é importante para ela, destrói o encantamento da estória, que depende em grau considerável, da criança não saber absolutamente por que está maravilhada. E ao lado do confisco deste poder de encantar vai também uma perda do potencial da estória em ajudar a criança a lutar por si só e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a estória significativa para ela. Entretanto, nós crescemos, e encontramos segurança em nós mesmos por termos resolvido problemas pessoais por nossa conta, e não por eles terem sido explicados por outros. Assim pode-se afirmar que, as estórias que encantam as crianças podem ser estórias engraçadas, profundas, sentimentais ou simplesmente belas; podem ser curtas ou extensas, com muitas ou poucas ilustrações mas devem provocar emoções pois, as estórias por si dão forma e sentido às inquietações das crianças e conduzem-nas a uma solução. “a criança é atraída particularmente pelas estórias bem humoradas em que a astúcia do fraco vence o Mal”. Bettelheim (1980 p.22) reforça esse argumento:

“As escolhas das crianças são baseadas não tanto sobre o certo versus o errado, mas sobre quem desperta sua simpatia e quem desperta sua antipatia. Quanto mais simples e direto é um bom

personagem, tanto mais fácil para a criança identificar-se com ele e rejeitar o outro mal. A criança se identifica com o bom herói não por causa de sua bondade, mas porque a condição do herói lhe traz um profundo apelo positivo. A questão para a criança não é "Será que quero ser bom?" mas "Com quem quero parecer?". A criança decide isto na base de se projetar calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também"

Desse modo, resgatando o gosto pela leitura estaremos contribuindo para que as crianças sejam pessoas mais bem-resolvidas no futuro. Quando os educadores se conscientizarem desse papel, ocorrerá a grande e esperada transformação na educação. Assim sendo, nada mais oportuno que iniciar essa atividade desde a Educação Infantil, pois se conseguirmos fazer com que a criança desde as primeiras serie tenham contato com contos e poesias, conquistaremos significativo avanço intelectual e assim poder-se-á inferir uma quebra do paradigma que crianças menos favorecidas socioeconômico e culturalmente não aprendem a ler e escrever porque não tiveram contato com materiais apropriados desde pequenas.

Desse modo, pretende-se inferir aos educadores que trabalham com crianças, a uma conscientização de que a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento e gosto pela leitura. Assim poder-se-á verificar o papel da literatura infantil para o desenvolvimento do gosto para a leitura; a conquista da linguagem oral e escrita e o que consideramos primordial na educação atualmente - a formação integral do indivíduo como cidadão.

Destaca-se que há necessidade de conhecer os verdadeiros clássicos da Literatura Infantil: Os irmãos Grimm; Hans Christian Andersen; Charles Perrault e Andersen. Na Literatura Brasileira, também temos alguns autores que dedicaram à Literatura Infantil: Monteiro Lobato; quem não conhece uma boneca de pano chamada Emília, os meninos Narizinho e Pedrinho, a tia Anastácia, o Visconde de Sabugosa e a Dona Benta? Quando lemos um livro de Lobato parece que estamos dentro daquele sítio mágico e participando de todas aquelas aventuras. Maria Clara Machado, autora de Pluft, o fantasma, um texto para o teatro infantil que foi encenado pela primeira vez em 1955 e que até hoje é lido e adorado pelas crianças. Outros autores famosos como Cecília Meireles e Vinícius de Moraes também

dedicaram um tempinho para escrever poemas feitos especialmente para as crianças. Tem-se também Ana Maria Machado e Ruth Rocha, que são premiadas com vários livros infantis.

Hoje, quando se fala em criança, pode-se perceber que a literatura infantil é indispensável tanto na escola, como em outros meios institucionais que trabalham para o desenvolvimento intelectual e emocional da criança. Mas, pode-se salientar mediante nossos estudos, que a literatura infantil não fez parte das vivências e aprendizagens das crianças de alguns séculos anteriores. Somente no final do século 17 e durante o século 18, foram produzidos os primeiros livros para as crianças. Antes disto, não se escrevia para elas, pois não existia a "infância". Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava.

Somente na Idade Moderna é que empregou-se à infância uma concepção diferenciada da fase adulta, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica. Isso aconteceu devido a uma nova noção de família, centrada não nas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular que se preocupava em manter a privacidade e estimular o afeto entre os membros da família. A valorização da família gerou um controle no desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação das suas emoções. A escola e a literatura infantil foram encarregadas de cumprir esta missão, como afirma Zilberman: (1985, p.30).

"Sendo assim, houve uma aproximação entre ambas. E as conseqüências foram que os primeiros textos infantis foram escritos pelos próprios professores. Os textos eram voltados aos valores familiares, à dominação social e o intuito era de preparar a criança para se o adulto ideal do futuro. E até hoje, a escola marcada pela educação burguesa muitas vezes manipula a criança, conduzindo-a ao acatamento da norma vigente da classe dominante".

Desta forma, cabe ao professor, rever a literatura utilizada na sua escola, afastando da sua prática a literatura de cunho pedagógico, pois ela tem a finalidade de ensinar mediante normas contidas em suas histórias, tendo sempre um final moralizante. Essas histórias fazem o aluno perceber que devemos trabalhar, ficar

contentes com o que possuímos, ajudar, ser bonzinhos contribuindo para formar crianças passivas, seguidoras de modelos e de normas, uma formação inadequada para nossa época. Então, se faz necessário, que o professor introduza na sua prática pedagógica a literatura de cunho formativo, que contribui para o crescimento e a identificação pessoal da criança, propiciando ao aluno, a percepção de diferentes resoluções de problemas, despertando a criatividade, a autonomia, a criticidade, que são elementos necessários na formação da criança de nossa sociedade atual. É necessário que o professor faça a seleção de livros de literatura que tenham boa estética, texto apropriado, uma ilustração motivadora, etc. É através da literatura infantil que se pode fornecer condições da criança ter “conhecimento do mundo e do ser” por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. Mas, não basta colocar a criança em contato com o livro, na escola, para se conseguir formar um leitor. É preciso atentar para alguns detalhes extremamente importantes.

Pode-se dizer que a escola promove o intercâmbio entre a criança e a literatura, e ela tem a oportunidade de estimular o gosto e o hábito pela leitura. Por esse motivo, o professor deve introduzir na sua prática pedagógica, métodos ou estratégias criativos que estimulem a emancipação pessoal e o desenvolvimento integral da criança.

Sabe-se que a literatura pode proporcionar fruição, alegria e encanto quando trabalhada de forma significativa pelo aluno. Além disso, ela pode desenvolver a imaginação, os sentimentos, a emoção, a expressão e o movimento através de uma aprendizagem prazerosa. A literatura infantil é antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real.

Devido a todos esses aspectos, não dá para distanciar a literatura de cunho formativo da aprendizagem escolar. Literatura e escola caminham em direção à formação da criança, mas devemos atentar para não confundir a literatura formativa daquela de cunho pedagógico.

Pode-se salientar que é de fundamental importância a formação de leitores. Mas sabemos que não é tão simples assim, devido aos problemas sociais. Isso só

será possível quando a leitura fizer parte do ambiente cultural do povo, quando existirem livros com os anseios e gostos das diversas faixas etárias de uma população. Como salientou Werner Zotz, em entrevista, só assim pode-se afirmar que todos gozam o mesmo direito de ler, para conseqüentemente formarmos verdadeiros leitores.

Sabe-se que a leitura é um processo de contínuo aprendizado. Alguém acostumado a ler busca respostas para suas dúvidas e atualiza-se sempre que necessário. E hoje vivemos numa época, que valoriza-se o conhecimento e o talento técnico, em detrimento ao raciocínio. E a leitura ajuda a formar seres pensantes, preparados para a vida. Ela desenvolve a reflexão e o espírito crítico. É fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si e ao mundo.

Percebe-se que a literatura também é lazer, quando feita com fruição. Um bom livro é capaz de nos levar a outros mundos, de dar vida aos nossos sonhos, de nos fazer chorar. Mas, muitas vezes na escola, o aluno ao invés de criar o hábito de ler, passa a achar a leitura a coisa mais chata do mundo. Quando o professor utiliza o livro de literatura, na escola, com o intuito de ensinar teorias, fazer análise sintática, atendendo a estruturalismos de forma imposta, com certeza a leitura será frustrante para o aluno.

A leitura deve ser sinônimo de espontaneidade, liberdade e prazer. Para isso, o professor deve deixar o aluno escolher o livro de seu interesse ou pelo menos palpar, não negando, ao aluno, a liberdade de divergir. Feita a leitura, para avaliar o aluno pode-se utilizar atividades lúdicas como: debates, dramatização, trabalhos em grupos etc. Porque o importante não é o resultado, é o processo

Geralmente utiliza-se na escola muitos clássicos infantis, mas fazendo a análise destes livros nota-se, que eles abordam assuntos muito distantes da realidade da criança e a linguagem não é muito significativa. Mas no Brasil, atualmente, surgiu uma nova literatura infanto-juvenil, revelando ótimos escritores. Estes escritores respeitam os sentimentos e a inteligência das crianças e jovens, através de assuntos atuais ou mediante a redescoberta de formas literárias do passado, que são recriadas pelo novo espírito dos tempos. Pode-se citar algumas

obras e respectivamente seus autores: A casa amorosa de Inês Mafra, Maria-vai-com-as-outras de Sylvia Orthof, As flores da primavera e Pe-Legrino Pe-Trônio de Ziraldo, Um belo sorriso e O pote de melado de Mary França e Eliardo França e muitos outros.

Percebe-se então, que ler pode tornar-se prazer e hábito se introduzido na escola de maneira significativa. Desta forma, é importante levar para os alunos diversos livros de histórias de cunho formativo, pois os livros da escola são muito limitados. Noto que os alunos adoram ler, principalmente se podem escolher o livro que vão fazer a leitura. Vejo que na escolha procuram temas de sua realidade e adoram belas ilustrações.

É preciso fazer a leitura de histórias em sala de aula e percebo que meus alunos ao ouvi-las ficam encantados, se transportam para o mundo da fantasia, imaginando-se como personagens. Ao professor cabe o detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado. É a partir daí que se pode formar leitores críticos. Fazendo florar a literatura infantil com finalidade formativa.

Sendo assim, pode-se afirmar que a literatura infantil é indispensável na escola, pois através da fruição, proporciona o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

## **2.1 Metodologia**

Neste trabalho optamos por desenvolver uma pesquisa de caráter exploratório, numa perspectiva qualitativa, além de registrar dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada. Pesquisaremos e analisaremos varias bibliografias de autores que abordam o tema Literatura Infantil, com vistas a dá um suporte teórico às nossas inquietações e hipóteses. Em seguida, faremos uma pesquisa participante, uma vez que haverá envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas pesquisadas. Assim, o pesquisador passa a ser sujeito ativo do processo agindo de forma efetiva para transformá-la.

O universo da pesquisa foi composta pelos professores do Centro Educacional Maciel Batista Pereira, na cidade de Cajazeiras, na turma de 2º ano.

O estudo de caso é utilizado “ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa destinado a grande quantidade de informação sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos” (apud. MATOS, 2001, p.45-46).

Para realização dessa pesquisa será aplicado um questionário “essa técnica de investigação consiste em que, sem a presença do pesquisador o investigador responde por escrito, ao formulário (com questões) entregue pessoalmente ou enviado por correio” (MATOS, 2001, p. 60). Esse questionário será aplicado aos professores.

## **2.2 Caracterização da escola colaboradora**

O Centro Educacional Maciel Batista Pereira (SESC – LER), localiza-se na rua Vitória Bezerra, no Bairro de Capoeiras.

O SESC é uma entidade de prestação de serviços de caráter socioeducativos, cuja atuação se dá no âmbito do bem-estar social, nas áreas de saúde, cultura, educação e lazer. Seu objetivo é contribuir para a melhoria das condições de vida da população e facilitar meios de aprimoramento cultural e profissional. Criado, mantido e administrado pelo empresariado do comércio, o SESC cultiva como valor maior que orienta sua ação o estímulo ao exercício da cidadania e à democracia, principais caminhos na busca do bem-estar individual e coletivo.

Levando em conta sua origem, sua história, seus princípios e as características do meio em que atua, o SESC reafirma as finalidades que lhe deram origem contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores e para o desenvolvimento econômico e social de todos. Por meio de uma ação educativa, propositiva e transformadora, o SESC visa principalmente ao fortalecimento da capacidade de os indivíduos buscarem, eles mesmos, a melhoria de sua qualidade de vida, bem como ao enriquecimento e à difusão da produção cultural.

A diretriz básica do SESC é imprimir um caráter eminentemente educativo a todas as atividades e serviços desenvolvidos, fazendo com que ultrapassem seus objetivos mais imediatos e resultem também em informação, capacitação e desenvolvimento de valores. É justamente essa função educativa que caracteriza e diferencia a ação institucional do SESC em relação ao trabalho desenvolvido por outras entidades assemelhadas. O trabalho educativo está voltado para o desenvolvimento integral dos indivíduos, tendo em vista o aperfeiçoamento da compreensão de si mesmos e do meio em que vivem, a melhoria de suas condições de vida no âmbito social e cultural e o desenvolvimento de valores que os façam participantes ativos de uma sociedade que está passando por mudanças.

Visando ampliar e fortalecer ainda mais a dimensão educativa de sua ação social, o Departamento Nacional do SESC criou nos estados o Projeto SESC LER, com a finalidade de implementar um processo educativo integrado respeitando a diversidade local. A implementação desse projeto está se iniciando nas comunidades mais carentes e isoladas dos estados brasileiros. Certamente, tal empreitada não solucionará isoladamente o problema do analfabetismo e do déficit educacional da sociedade brasileira; entretanto, contribuirá diretamente para minimizá-la, podendo servir ainda como referência nacional, um exemplo que anime outras instituições a atuar no mesmo sentido.

A entidade funciona nos três turnos. Pela manhã, três turmas do PHE (Projeto Habilidade de Estudo). Esse projeto tem como objetivo reforçar as atividades dos alunos da 2ª, 3ª e 4ª anos que estudam nas escolas municipais.

Já a tarde funciona uma turma da EJA multisseriado, a noite também se trabalha com três turmas da EJA.

O Centro Educacional, dispõe de seis professores graduados, direção, uma orientadora pedagógica.

## **2.3 Resultado e Análise da Pesquisa**

Nesse texto apresentaremos o resultado de nossa pesquisa, realizada junto aos professores do ensino fundamental. Nele estão dispostos os dados obtidos com os questionários, como também suas respectivas análises e considerações realizadas por nós enquanto responsáveis pelo encaminhamento da pesquisa.

No primeiro item, questionamos aos educadores o que eles fazem para estimular a leitura dos alunos. 30 deles ler histórias diversificadas com bastante dinamicidade, sempre ressaltando a importância de ler. O que podemos perceber com essas respostas, que embora medianamente satisfeito com o que praticam, eles acreditam que ainda apresenta falhas, que fazem com que este seja ainda um processo problemático em sua prática.

Os 70 restantes dos professores, que responderam ao mesmo item, encontram bastante dificuldade em trabalhar com a leitura. O que vem reforçar que este, configura-se como um problema para a maioria dos profissionais.

São diversas as variáveis que se alinham quando se trata da questão de despertar o gosto pela leitura. Não há como fazê-lo sem recursos e estratégias para distribuição do livro, sem professores e bibliotecários que tenham descoberto o prazer de ler. Em outras palavras, do ponto de vista pedagógico, há que se ter em mente uma política da leitura, mas sobretudo o gosto de ler que é possível despertar.

Concordamos com Martins (1982, p.35), quando ela afirma:

“Desde que o ser humano nasce e toma contato com a realidade, começa a fazer uma leitura da vida, por meio de sentidos. A leitura adquire um conceito bem amplo – o de conhecimento, interpretação e decifração do código/enigma que é o mundo. Nesse sentido, a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e o objetivo primordial desta implica a compreensão melhor do mundo”.

No segundo item, é indagado sobre que recursos são utilizados em sala de aula, e a grande maioria dos professores, ou seja, 60 responderam livros infantis. Eles consideram que este não está atendendo as necessidades que são

apresentadas pelos alunos. Estando estes pouco satisfeito com os meios que tem lançado mão para que se trabalhe a literatura infantil com os alunos.

Outros 40 dos professores consideram que os recursos utilizados são apenas regular. Esse número nos revela que o que poderia ser feito era diversificar os recursos e trabalhar com os mesmos dinamicamente, sem a leitura vir acompanhada da noção de dever, de tarefa a ser cumprida, sem ser um instrumento autoritário mas sim de prazer, de deleite, de descoberta de encantamento.

Segundo Zilbermam (1987, p.59).

“A utilização de atividades lúdicas nas escolas pode contribuir para uma melhoria nos resultados obtidos pelos alunos. Claro, que atividades de cunho lúdico não abarcariam toda a complexidade que envolve o processo educativo, mas poderiam na busca de melhores resultados por parte de educadores interessados em promover mudanças”.

No terceiro item que trata da avaliação da leitura feita pelos educadores os números revelam que 30 trabalham com uma prática reflexiva e autonomizadora ao longo do referido processo e 70 aparentemente demonstra ter como principal critério a nota. Isso demonstra que a maioria dos educadores ainda não sabe direito avaliar e porque avaliar a leitura.

As respostas demonstram que ainda não se tem claro os reais objetivos; não se concebe ainda a avaliação como um momento de reflexão continua para professores como para alunos. E assim não se leva em consideração o assunto a importância da sua aplicabilidade, mas sim os possíveis resultados obtidos, que muitas vezes não significam nenhum aprendizado.

Nesse aspecto concordaremos com Zilberman (1993, p.31) quando ele afirma:

“Os debates, a leitura crítica e comparativa de jornais dramatização, visitas a biblioteca conversas com o autor do livro, são atividades para trabalhar o livro em sala, desenvolvendo no aluno a capacidade de pensar e crescer. Assim devemos, evitar a avaliação do rendimento da leitura por meio da literatura, pois será inútil enquanto não tivermos alunos que encontrem o prazer no ato de ler”.

O quarto item questionamos sobre a importância da leitura. E do total de professores; 50 consideram a prática da leitura necessária; outros 50 consideram que a leitura é imprescindível como também alguns conhecimentos prévios. O que vem mostrar com isso que a prática de leitura se faz presente na vida destes educadores. Zilberman (1985, p.50) afirma:

“O trabalho com a leitura é um dos meios mais importantes para a consecução de novas aprendizagens; possibilita a construção e o fortalecimento de idéias e ações. Ninguém se torna leitor por um ato de obediência, ninguém nasce gostando de leitura. A influência dos adultos como referência é bastante importante na medida em que são vistos lendo ou escrevendo”.

No item cinco se levanta o questionamento quanto os benefícios trazidos pela leitura, 40 dos professores responderam que contribui na formação de um indivíduo e lhe acresce conhecimentos.

Para os 70 dos professores traz benefícios para a escrita dos alunos.

Trabalhando a leitura permanentemente na sala de aula o educador fomentara o gosto pela leitura desde o início das etapas de escolaridade. O incentivo do adulto deve ser fundamental nesse processo, sendo o mediador entre a criança e o livro, isso contribuirá para uma promoção da aprendizagem que sirva para a constituição de sujeitos que simplesmente não pertençam a uma sociedade, porém a questiona, e a transforma.

No sexto item nas questões abertas, indagamos aos professores o que eles fazem para despertar a curiosidade da criança antes de começar a contar uma história e as respostas expressam idéias referentes a esta como um momento de questionar o imaginário da criança, sobre a história, fazer inferências a mesma.

Um dos principais objetivos de se contar histórias e o da recreação. Mas a importância de contar histórias vai muito além. Por meio delas podemos enriquecer as experiências infantis, desenvolvendo diversas formas de linguagem ampliando o vocabulário, formando o caráter, desenvolvendo a confiança na força do bem, proporcionando a ela viver o imaginário.

No sétimo item se levanta a questão sobre que critérios usar para selecionar os livros que irão ser trabalhados. E os educadores, apontam histórias que desenvolvem o cognitivo e a construção da subjetividade do aluno. Passamos perceber nas respostas a confiança e segurança dos educadores.

A história, possibilita a articulação entre objetividade e subjetividade, espaço entre no qual se situa o trabalho.

Quando se questiona no oitavo item, sobre o que o professor acredita que a leitura infantil facilita a aquisição da leitura, as respostas dos professores nos revelam que para eles, promover a aproximação entre os alunos e o texto é um processo delicado que requer maestria logo a criança só tomará gosto pela leitura se o mundo literário for representado a ela em pequenas doses e de maneira prazerosa, já que ler é o ato de sentir-se bem, e é nesse sentir-se bem que entra a Literatura Infantil.

## **2.4 A Experiência Desenvolvida**

Iniciamos a parte prática da pesquisa realizando um questionário com os alunos. O questionário é uma técnica de investigação consiste em que, com a presença do pesquisador, o investigado responda por escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente. É o momento em que o aluno tem oportunidade de refletir enquanto escreve, com ajuda do professor preferencialmente.

Elegemos trabalhar com a literatura Infantil em sala porque é imprescindível que as crianças tenham contato com o livro, e não apenas com textos copiados. O objeto livro é em si mesmo atrativo, fascinante e provoca um prazer especial, exercendo um efeito especial sobre a curiosidade das crianças.

Compreendo a Literatura Infantil como um direito da criança à recreação, ao prazer da leitura gratuita e ao sonho, a arte infantil também deve se fazer presente nos bons livros como pretensão de alargar e não de estreitar o mundo da criança.

Nesse sentido, em relação à função da Literatura Infantil, vale lembrar as palavras de Cunha:

A Literatura Infantil influi e quer influir em todos os aspectos da educação do aluno. Assim, nas três áreas vitais de homem (atividade, inteligência e afetividade) em que a educação deve promover mudanças de comportamentos, a Literatura Infantil tem meios de atuar. (CUNHA, 1995, p.45).

Evidentemente, tudo é uma Literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera especialmente do âmbito infantil. São as crianças literatura infantil a priori, mas a posteriori.

Em seguida, colocamos em prática nossa primeira atividade. É impressionante como os versos da história são ótimos recursos no processo de ensinar os alunos e ler e escrever.

A primeira atividade realizada foi o trabalho com a história Cachimbos.

Organizamos a sala de aula em um círculo, narramos a historinha (Cachimbo) através do cineminha. Logo questionamos sobre a história. Distribuímos fichas com os nomes dos alunos, trabalhamos substantivos próprio e comum. Em seguida, questionamos aos alunos sobre as formas dos cachimbos. Logo que responderam, distribuímos as formas geométricas de madeira, pedimos que eles observassem as formas dos objetos presentes na sala de aula ou na escola, como folhas de cadernos, livros e lousa etc.

Para aprender a ler e a escrever é preciso pensar sobre a escrita, pensar sobre o que a escrita representa e como ela representa graficamente a linguagem. Essa atividade com a história favoreceu especialmente a análise e a reflexão sobre a sílaba e a correspondência fonográfica, ao manusear as fichas com os seus respectivos nomes.

É necessário que ele ponha em jogo tudo o que sabe sobre a escrita para poder realizá-las. Nas atividades de "leitura" o aluno precisa

analisar todos os indicadores disponíveis para descobrir o significado do escrito e poder realizar a "leitura" de duas formas: pelo ajuste da "leitura" do texto, que conhece de cor, aos segmentos escritos; e pela combinação de estratégias de antecipação (a partir de informações obtidas no contexto, por meio de pistas) com índices providos pelo próprio texto, em especial os relacionados a correspondência fonográfica (PCN/1997, p.82-84).

### A Caixa Maluca

Realizamos uma outra atividade em sala. Trabalhamos com a história "A Caixa Maluca". Trata-se de uma caixa misteriosa, que do céu caiu. A partir daí, os bichos da mata ficam curiosos e disputam a posse da caixa maluca.

Esse trabalho foi excelente veículo para os alunos refletirem sobre os temas, infância, curiosidade, diversidade, egoísmo, disputa.

Assim, conversamos sobre os bichos da floresta, os domésticos. Quais animais são ferozes, quais os de fácil convivência, os mais fiéis, amigos e solidários.

Lemos a história criando suspense. Imitamos os sons de alguns animais, sugerimos que as crianças imitassem o seu caminhar, saltos, grunhidos, etc. Explicamos o significado das palavras novas.

Demos oportunidades às crianças para que observassem as diferenças entre os bichos: tamanho, cor, peso, altura. Eles vivem na Terra, na água, no ar, etc.

Leitura silenciosa, percebendo os detalhes da disputa e do egoísmo.

### Seguindo a história

Seguindo a história foi mais uma atividade realizada com os alunos da 2ª ano do Sesc-Ler.

Cada aluno ficava em sua carteira com uma folha na mão nesta folha tínhamos a história. O aluno seguia a história com o dedo. Enquanto a professora lia

a história. A professora parava de ler e passava em cada carteira para verificar quem estava na palavra correta.

Através dessa atividade foi possível trabalhar a correspondência entre o oral e o escrito.

### Rapunzel

A turma ditava a história e o professor escrevia no quadro negro. Desenvolvendo essa atividade foi possível os alunos observarem a organização formal do texto e favoreceu a memorização da história que foi trabalhada a fundo depois. Os alunos puderam estabilizar a escrita de algumas palavras bem como repetição título e grafia.

### O Gato de Botas

Realizamos uma outra atividade em sala com a história “O Gato de Botas” que nos mostrou uma forma de as crianças estarem em contato com a palavra escrita e a cópia.

Nos últimos anos, a cópia caiu em desuso, apontando como um símbolo de uma época em que os alunos simplesmente reproduziam o que o professor mandava. Mas isso não quer dizer que se deva abolir definitivamente o trabalho com a cópia, pelo contrario, devemos significá-los.

Trabalhamos com a cópia em sala e foi um excelente veículo para os alunos perceberem como se dá a organização espacial do texto, o uso de letras maiúsculas e a grafia das palavras. Os alunos tiveram a oportunidade da releitura, ou seja, da revisão do que foi copiado do quadro negro.

Assim, eles aprenderam que um texto só fica bom depois de uma ou mais revisões. Cada erro que o aluno encontrou antes de mim (ou junto comigo) cimentou a noção de que o desenvolvimento cognitivo não caiu do céu, mas é conquistado com esforço, linha a linha.

Em vez de deixar a sala de aulas com cara de festa infantil expusemos os cartazes na parede a altura dos olhos deles, é mais útil forrar as paredes com os temas trabalhados, que forma o resumo de algumas histórias trabalhos.

### A Cidade Perdida

Realizamos um passeio com a turma, de alunos pelos arredores da escola. Ao termino lermos pausadamente, o livro permitindo a intervenção dos alunos. Logo reunimos os alunos para uma rodinha de conversas, retomando o que foi constando no passeio inicialmente realizado e o livro lido. Questionamos sobre o motivo que levou o mágico Abracadabra a agir na cidade perdida. Pedimos que eles olhassem para a escola e verificassem se os alunos, professores que trabalham na limpeza estão agindo de forma adequada, de modo a tratar bem o lixo e não poluir o meio ambiente.

Focalizando o ato da leitura no âmbito escolar, é de suma importância que o contato da criança com o livro estabelecido desde os primeiros momentos escolares, uma vez reconhecido o feito enriquecedor que desencadeia. Assim, ao professor caberia proporcionar aos alunos, situações de leitura que objetivassem em menor grau as atividades de análise, fichas de leitura ou qualquer outra forma de controle, dando ênfase às atividades livres de enriquecimento cultural.

Cunha (1995, p.47) explica:

(...) a leitura é uma forma altamente ativa de lazer. Em vez de propiciar, sobretudo repouso e alienação (daí, a massificação), como ocorre com formas passivas de lazer, a leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do recebedor – leitor. Seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer – aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo. A literatura teria papel relevante nesse aspecto.

No entanto, o professor deve ter o cuidado de não abrir mão totalmente de um acompanhamento sistemático, pois o leitor pode ser afetado positiva ou negativamente pelo livro, isso dependerá principalmente de sua maturidade leitora.

Desse modo, é importante que ao lado de atividades livres, os mestres se preocupem em transformar a habilidade leitora em aprendizagem significativa, criando situações e métodos que possibilitam identificar os diversos problemas individuais de compreensão de textos, no intuito de desenvolver no aluno práticas de leitura que propiciam o hábito de reflexão e crítica sobre a realidade que a obra lhe oferece e a interpretação dessa realidade imprimida pelo autor, o que significa dizer que, o leitor deve, de acordo com estágio de desenvolvimento em que se encontra, ser capaz de ter uma visão dos prós e contras da produção que consome. Haverá, então, nos educandos a sensação do amadurecimento, da consciência viva a partir da concepção da leitura e da percepção das multifaces desse processo.

Na escola, mesmo a literatura de reconhecido valor artístico perde seu poder de encantamento e de transporte a vivências imaginárias alternativas, quando empregada como veiculadora de normas de obediência e bom comportamento ou pretexto para aprender gramática, redigir melhor, para revisar a História, a Sociologia e a Pedagogia. Assim, tornando-se matéria para adornar outras ciências o texto literário se descaracteriza e afasta de si o leitor.

## Conclusão

Ao iniciarmos esse trabalho, tínhamos por objetivo primordial verificar em que medida a Literatura Infantil nos planejamentos educacionais, contribuíam para a mudança de postura docente e um repensar da prática pedagógica. Como também, aplicar em sala de aula um projeto de música, visando desenvolver habilidades e competências dos discentes a partir de situações propostas pela prática.

Na análise final dos dados obtidos no campo de Estágio, podemos ver que Literatura Infantil parece estar em “moda” no ambiente escolar. Praticamente todas as escolas estão, ou dizem estar, trabalhando com “Literatura”.

É este modismo que acaba sendo preocupante, pois de uma certa forma a Literatura Infantil é implantados, dentro do ambiente escolar, sem nenhum critério, conceituação e previa preparação ( capacitação ) do profissional de educação que deveria ser o mediador desta dinâmica.

Desta forma, estamos presenciado constantemente uma Literatura infantil sem objetivos ou significação “ler por ler”. Quando sabemos que não é isso, é preciso que aconteça em sala um grande envolvimento por parte do profissional de educação que deveria ser o mediador desta dinâmica que neste caso é o educador.

Porém, não pretendemos generalizar, uma vez que na vivencia do Estágio foi possível observar que boa parte dos docentes demonstram interesse, e desenvolve em sala Literatura Infantil contextualizados.

No transcorrer da pesquisa, fomos percebendo que, aquilo que estava sendo feito estava surtindo efeito. E que apesar da nossa “pouca” experiência em ensino com Literatura Infantil, juntamente com as pesquisas que realizamos para elaboração deste trabalho, levou-nos a crer que a Literatura Infantil pode ser um dos mecanismos que propiciasse a interação sujeito – objeto de conhecimento, mediando ainda os fatores motivacionais intrínsecos e necessários para a aprendizagem.

Percebemos o coletivismo e a cooperação existente nos alunos em sala de aula. O prazer que eles demonstraram em participarem desde a escolha das histórias até a apresentação da última história infantil trabalhada em sala. Para os alunos as aulas tinham se transformado num tipo prazerosa, onde eles estavam tendo a oportunidade de aprender cantando.

As aulas foram principalmente, momentos de troca. Trocas de informação de experiências e conhecimentos. Que contribuíram para um bom desenvolvimento do trabalho, dando a este um resultado positivo. Tanto na nossa análise, como na dos alunos que durante as aulas, expressavam contentamento o desejo de maiores envolvimento.

Durante esse trabalho procuramos trabalhar, nessa última perspectiva, a imaginar a sala de aula antecipada de sonhos, vontades, desejos, ilusões, necessidades, etc., fatores estes que serviram como impulsionadores para o nosso ato de trabalhar. São estes fatores impulsionadores que levarão o educador a iniciar sua busca, sua pesquisa, sua caminhada para a descoberta e suas ações de investigação, dando espaço para o surgimento do novo, para que novas práticas possam ser estabelecidas na perspectiva de tornar o ensino, um processo democrático e sobretudo transformador.

## Referências Bibliográficas

ALENCAR, Eunice Soriano de. **A gerência da criatividade**. São Paulo: Makron Books, 1975.

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**. São Paulo: Scipione, 1993.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.,

BRASIL, **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas cidades, 1972.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1995.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1996. 118p.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. São Paulo, EDUSP / Cultrix, 1978.

ZILBERMAN, R. **O estatuto da literatura infantil**. In: \_\_\_\_\_; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.

ZILBERMAN, R. **A leitura na escola**. Em: Zilberman, R. *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto. p. 9-22. 1993.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo : Global, 1985, p. 24.

# ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

## QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

FORMAÇÃO  
TEMPO DE TRABALHO

1º O QUE VOCÊ FAZ PARA ESTIMULAR A LEITURA DOS ALUNOS?

2º QUAIS SÃO OS RECURSOS UTILIZADOS?

3º COMO VOCÊ FAZ A AVALIAÇÃO DESSA LEITURA?

4º PARA VOCÊ PORQUE É IMPORTANTE TRABALHAR LEITURA?

5º QUAIS OS BENEFÍCIOS TRAZIDOS PELA LEITURA?

6º ANTES DE COMEÇAR A CONTAR UMA HISTÓRIA OQUE VOCÊ FAZ PARA DESPERTAR A  
CURIOSIDADE DOS ALUNOS?

7º DURANTE O MOMENTO EM QUE A HISTÓRIA ESTÁ SENDO NARRADA, COMO AS CRIANÇAS  
SE COMPORTAM?

8º AO TERMINAR A HISTÓRIA QUE ARTIFÍCIO VOCÊ USA PARA NÃO QUEBRAR O ENCANTO  
QUE VOCÊ CRIOU DURANTE A HISTÓRIA?

9º QUE CRITÉRIO VOCÊ USA PARA SELECIONAR OS LIVROS QUE IRÃO SER TRABALHADOS COM  
OS ALUNOS?

10º VOCÊ COMO PROFESSORA ACREDITA QUE A LITERATURA INFANTIL FACILITA A  
AQUISIÇÃO DA LEITURA?

## QUESTIONÁRIO DO ALUNO

ESCOLA  
ANO

1º O QUE VOCÊ GOSTA DE LER?

- A) GIBI
- B) REVISTA
- C) LIVROS INFANTIS

2º QUAL PERSONAGEM LHE CHAMA MAIS ATENÇÃO?

- A) HERÓI
- B) PRINCESA
- C) VILÃO

3º VOCÊ PREFERE HISTÓRIAS COM:

- A) ANIMAIS FALANTES
- B) SERES MÁGICOS (FADAS/BRUXAS)
- C) OBJETOS COM VIDA
- D) HERÓIS VALENTES E DESTEMIDOS

4º QUANDO SUA PROFESSORA NARRA UMA HISTÓRIA VOCÊ?

- A) NÃO GOSTA
- B) GOSTA E FICA CONTENTE
- C) GOSTA MUITO E PEDE QUE ELA CONTE OUTRA VEZ

5º QUAIS PESSOAS COSTUMAM NARRAR HISTÓRIAS PARA VOCÊ:

- A) MÃE
- B) PAI
- C) IRMÃOS
- D) AMIGOS
- E) PROFESSORA

6º SUA PROFESSORA NARRA HISTÓRIA PARA VOCÊ?

- A) TODOS OS DIAS
- B) ALGUMAS VEZES
- C) NÃO NARRA

7º QUAIS AS HISTORINHAS ABAIXO VOCÊ CONHECE E OU GOSTARIA DE CONHECER?

- A) BRANCA DE NEVE
- B) URSINHO POOH
- D) PETER PAN
- E) CINDERELA
- F) GATO DE BOTAS

G)OUTRAS

8º EM QUE LUGAR VOCÊ OUVI MAIS HISTÓRIAS

A) NA ESCOLA

B)EM CASA

9º O QUE VOCÊ PREFERE FAZER QUANDO ESTÁ EM CASA

A)LER ALGUM LIVRO

B)ASSISTIR TELEVISÃO

C)NAVEGAR NA INTERNET

10º QUANDO VOCÊ ESTÁ BRINCANDO QUE PERSONAGEM VOCÊ IMAGINA SER?

A)UM HERÓI QUE VENCE BRUXAS E DRAGÕES

B)UMA PRINCESA QUE ENCONTRA UM PRÍNCIPE ENCANTADO

C)NENHUM DOS DOIS